



Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

Muito pode a oração de um justo



*Ministério Seara Ágape
Ensino Bíblico Evangélico*

*Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil*

Agradeço ao Espírito Santo que intercede por nós com gemidos inexprimíveis e nos ensina a orar como convém.

Dedico a todos os filhos de Deus que descobriram o segredo de alcançar o trono, onde suas petições são ouvidas e respondidas.

“E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obteremos os pedidos que lhe temos feito” (1 Jo 5: 14-15).

Introdução

Qual o segredo dos maiores homens de Deus colocados na bíblia, a ponto de realizarem milagres e terem revelações divinas, que às demais pessoas parecem algo impossível?

A bíblia fala em *Gn 4: 26*: “A Sete [(hebr. *sheth*), filho de Adão e Eva após a morte de Abel porque Eva dissera: ‘Deus me concedeu (*shāth*) outro descendente em lugar de Abel’] nasceu-lhe também um filho, ao qual pôs o nome de Enos [que significa: mortal, homem]; daí se começou a invocar [*NVI* = *proclamar*] o nome do Senhor”. Isso quer dizer que a partir do momento em que perdeu o contato com o Criador, o homem passou a sentir dentro de si a necessidade de falar com Ele e teve que encontrar um meio para isso, já que não mais conseguia a intimidade de antes, quando Deus vivia tão profundamente unido ao ser humano como se os dois fossem *UM*. Em outras palavras, o homem começou a sentir sua humanidade e sua mortalidade e passou a depender de seu Pai imortal. Foi criada a *oração*. Pode não ter sido como nós a conhecemos hoje, mas, certamente, era uma forma de o homem compartilhar com o Altíssimo o seu pequeno e impuro ser, pedindo ajuda e solução para os seus problemas. Assim, podemos notar que desde Noé até hoje, principalmente após o nascimento de Jesus, alguns homens e mulheres de Deus começaram não apenas a ouvir Sua voz, mas a ter um relacionamento mais profundo, a ponto de lhes ser concedido o poder de realizar milagres e governar o rebanho do Senhor segundo a sabedoria divina, não mais a humana. Portanto, para o crente, o caminho ao trono se tornou aberto através do sacrifício de Jesus na cruz, podendo ele reatar a intimidade com o seu Deus e que fora perdida no passado.

Entretanto, orar não é um ato tão fácil como parece; muito menos algo mecânico, simplesmente porque implica saber pedir o que nós precisamos, isto é, orar com o coração e usar as palavras certas, além da necessidade de um relacionamento íntimo com o Espírito Santo, que é o canal para que as nossas petições cheguem de maneira correta a Deus. Em *Rm 8: 26-27*, Paulo fala: “Também o Espírito, semelhantemente nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos”.

Este livro é um pouco diferente dos outros no que diz respeito a ensinar a orar, pois não tem o objetivo de ensinar os passos comumente empregados nas orações como: primeiro louvar o Senhor, engrandecer o Seu nome, pedir Seu poder sobre nós e depois partirmos para as nossas petições. Aqui, vamos colocar em prática o que está escrito no *Sl 81: 10b*: “Abre bem a tua boca e ta enchei”, o que podemos traduzir como *entrega total ao domínio do Espírito Santo*, para que Ele mesmo fale o que deseja, ao invés da nossa própria alma interferir no processo. Explicando melhor: quando nós nos convertemos, não temos conhecimento da Palavra e precisamos ser ensinados a orar de uma determinada maneira para podermos disciplinar nossa alma e ter experiências palpáveis com o poder da oração; depois, quando vamos crescendo, passamos a outro patamar, onde nossa própria vontade em relação a determinado assunto nos impele a rogar a Deus que satisfaça as nossas necessidades e, então, nosso ‘eu’ passa a querer tomar o rumo da oração para que o objetivo seja conquistado. Não que estejamos dando ordens ao Senhor, mas usamos muito a força da nossa vontade pessoal para trazer livramento, libertação, cura etc., sem que, entretanto, o Espírito tenha espaço para usar nossa boca para pedir ao Pai o que é *realmente necessário*; por isso, Tiago escreve, até

de uma maneira dura: “Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes nos vossos prazeres” (*Tg 4: 3*). Por exemplo, se alguém orar a Deus pedindo um cônjuge sem a participação real do Espírito Santo na oração, o resultado, ao invés de benéfico, vai ser um desastre, pois o poder que existe nas palavras dessa pessoa vai agir no mundo espiritual da maneira que foi gerado através de sua boca. Tiago é o apóstolo que mais fala sobre a língua (*Tg 3: 1-12, por exemplo*), pois conhecia os segredos espirituais. Em *Tg 5: 13-18* poderemos ler: “Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores. Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, unguindo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a oração do *justo*. Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu. E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos”. *Justo* é o que é justificado pelo sangue de Jesus por ter seus pecados perdoados. Dessa forma, passamos a explicar qual o intuito deste trabalho: chegar a descobrir o segredo dos profetas e dos líderes que o Senhor levantou que é passar para um patamar mais alto de oração; em outras palavras, deixar o Espírito Santo usar nossa boca como eles deixaram, orando, agora sim, no Espírito, e não mais na carne, de acordo com a vontade de Deus, pois a isso se junta a revelação do que está acontecendo no mundo espiritual e a solução que Ele quer nos dar.

Vamos mencionar alguns homens usados por Deus como intercessores e que nos deram o exemplo do que é estar verdadeiramente ‘na brecha’, argumentando com Ele baseados na Sua própria Palavra e, ao mesmo tempo, recebendo Dele a direção de como orar. Podemos citar Moisés, Josué, Débora, Ana, Samuel, Jeremias, Ezequiel, Zacarias, Maria, Pedro e outros. É interessante notar também que não é sempre que Deus nos pede para interceder, pois por amor aos Seus próprios filhos Sua vontade soberana precisa ser feita e a nossa intercessão mais atrapalharia do que ajudaria. É o que aconteceu com o profeta Jeremias. O pecado da nação era tão grande e a determinação de Deus era tão definitiva em puni-la que Ele rejeitou a intercessão de Jeremias por várias vezes (*Jr 7: 16; Jr 11: 14; Jr 14: 11; Jr 14: 13-18: título; Jr 15: 1*).

Em muitas ocasiões, eu orei por irmãos, recebi oração deles e os ouvi em suas queixas. Numa dessas oportunidades me veio a inspiração de escrever este livro. O Espírito Santo já vinha me falando há algumas semanas sobre *Jr 32: 6-15*, onde Ele orienta o profeta a comprar o campo de *Anatote* (mais adiante transcreverei o texto). *Anatote* era uma cidade no território de Benjamim que fora dada aos levitas na repartição da terra feita por Josué (*Js 21: 18*), portanto era terra de sacerdotes, sendo o próprio Jeremias, profeta e sacerdote de Deus (seu pai Hilquias era sacerdote da descendência de Abiatar, que oficiou no reinado de Davi, e da linhagem de Itamar, irmão de Eleazar, este o terceiro filho de Arão). Não entendi o que o Senhor estava querendo me dizer com isso até que, conversando pelo telefone com uma irmã em Cristo, me veio à mente que somos reis e sacerdotes e, como tal, precisamos orar de acordo com a palavra de Deus, como faziam os sacerdotes, para que os nossos objetivos sejam alcançados. É importante notar o poder de uma palavra ungida no momento de uma oração, trazendo bênção ou maldição.

Quanto ao texto de Jeremias mencionado acima (*Jr 32: 6-15*), está escrito: “Disse, pois, Jeremias: Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Eis que Hananel, filho de teu tio Salum, virá a ti, dizendo: Compra o meu campo que está em Anatote, pois a ti, a que pertence o direito de resgate, compete comprá-lo. Veio, pois, a mim, segundo a palavra

do Senhor, Hananel, filho de meu tio, ao pátio da guarda e me disse: Compra agora o meu campo que está em Anatote, na terra de Benjamim; porque teu é o direito de posse e de resgate; compra-o. Então, entendi que isso era a palavra do Senhor. Comprei, pois, de Hananel, filho de meu tio, o campo que está em Anatote; e lhe pesei o dinheiro, dezessete siclos de prata. Assinei a escritura, fechei-a com selo, chamei testemunhas e pesei-lhe o dinheiro numa balança. Tomei a escritura da compra, tanto a selada, segundo mandam a lei e os estatutos, como a cópia aberta; dei-a a Baruque, filho de Nerias, filho de Maaséias, na presença de Hananel, filho de meu tio, e perante as testemunhas, que assinaram a escritura de compra, e na presença de todos os judeus que se assentavam no pátio da guarda. Perante eles dei ordem a Baruque, dizendo: Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Toma esta escritura, esta escritura da compra, tanto a selada como a aberta, e mete-as num vaso de barro, para que se possam conservar por muitos dias; porque assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra”.

Em relação ao motivo pelo qual Deus fez Jeremias comprar o campo de Anatote que era seu por direito, isso era um ato profético do que aconteceria a Israel depois do exílio na Babilônia, quando poderia ter de volta uma terra que era sua por direito divino; ou poderia se tratar do ano do Jubileu (que acontecia a cada cinquenta anos), descrito em *Lv 25*, em especial neste caso, nos versículos 31–34: “Mas as casas das aldeias que não têm muro em roda serão estimadas como os campos da terra; para elas haverá resgate, e sairão do poder do comprador no Jubileu. Mas, com respeito às cidades dos levitas, às casas das cidades da sua possessão, terão direito perpétuo de resgate os levitas. Se o levita não resgatar a casa que vendeu, então, a casa comprada na cidade da sua possessão sairá do comprador, no Jubileu; porque as casas das cidades dos levitas são a sua possessão no meio dos filhos de Israel. Mas o campo no arrabalde das suas cidades não se venderá, porque lhes é possessão perpétua”.

O profeta diz: “Assinei a escritura, fechei-a com selo, chamei testemunhas e pesei-lhe o dinheiro numa balança. Tomei a escritura da compra, tanto a selada, segundo mandam a lei e os estatutos, como a cópia aberta; dei-a a Baruque, filho de Nerias, filho de Maaséias, na presença de Hananel, filho de meu tio, e perante as testemunhas, que assinaram a escritura de compra, e na presença de todos os judeus que se assentavam no pátio da guarda... Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Toma esta escritura, esta escritura da compra, tanto a selada como a aberta, e mete-as num vaso de barro, para que se possam conservar por muitos dias”.

Naquela época, é provável que em tais vendas entre os judeus, duas cópias da escritura fossem feitas: uma selada para ser mantido pelo comprador, e a outra aberta, para ser mostrado aos juízes, e por eles ratificado. Em outras palavras: uma era a original para uso privado do comprador; e a outra, uma cópia que seria colocada no registro público para qualquer pessoa interessada poder consultar ou recorrer a qualquer ocasião. Isso poderia evitar muita injustiça e contenção. As escrituras de compra foram colocadas em um vaso de barro (um símbolo da natureza de todas as garantias que este mundo pretende nos dar, coisas frágeis e logo quebradas) para que pudessem ser conservadas por muitos dias, para o uso dos herdeiros de Jeremias depois do retorno do cativo, pois eles poderiam ter o benefício desta compra (descendentes dos seus primos, por exemplo). Elas seriam conservadas como sinal da promessa de libertação por parte de Deus.

Anatote é o campo das nossas promessas, onde Deus nos garante a paz, a restauração e a volta do cativo; Anatote é o campo onde Ele renova nossa esperança e restaura a nossa fé naquilo que está sendo comprado com choro em tempo de cativo. A mensagem que Jeremias pregava era rejeitada por seus compatriotas e isso o

entristecia, além de sofrer pelos pecados deles. Isso não apenas o entristecia como o enfraquecia. Mas Deus lhe deu a esperança de um futuro resgate para Israel após o seu arrependimento.

Anatote significa: *orações respondidas* e isso quer dizer que quando oramos de acordo com a vontade do Espírito, todas as nossas petições serão ouvidas e respondidas por Deus, como escrevemos anteriormente em *1 Jo 5: 14-15* (“E esta é a confiança que temos para com ele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que ele nos ouve quanto ao que lhe pedimos, estamos certos de que obteremos os pedidos que lhe temos feito”). Jesus, através do Seu sacrifício, já comprou espiritualmente este campo para nós, ou seja, podemos entrar livremente em Sua presença para conseguirmos o que quisermos (“Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” – *Hb 4: 16*). Mas nós, aqui na terra, em momento de dor, sofrimento e cativo, compramos o campo de *Anatote*; pagamos o preço por ele. Depois, Deus providencia a negociação para que ele retorne a nós, como é nosso direito. A garantia de retorno é a promessa de Deus na Sua palavra, assim como o livramento e a restauração. Em outras palavras, para Jeremias havia uma herança e um resgate, o resgate em tempos de angústia. Há uma herança dada a nós por direito, aqui na terra e na Nova Jerusalém.

O *selo*, mencionado acima significa que, da parte de Deus, temos a garantia da resposta e Sua determinação não será revogada. Também significa: *a marca e o domínio do Espírito Santo* sobre ela, fazendo-a prevalecer. O *vaso de barro* somos nós, mais especificamente a nossa alma, onde a fé nos faz crer na resposta, tomando posse (materialmente) do que já nos pertence por direito (já foi liberado no espiritual), ao mesmo tempo em que precisamos *esperar* até que a promessa se cumpra no mundo natural (por isso a cópia aberta). O que pedimos poderá beneficiar muitas vidas e edificar a nossa através das pessoas que o Senhor trouxe para nos abençoar (“casas, campos e vinhas nesta terra”) com toda sorte de bênçãos nas regiões celestiais em Cristo.

Quanto mais nos achegarmos ao trono através da oração, maior será a nossa união e mais rápidas serão as respostas que necessitamos, pois é a nossa perseverança que nos ajuda a tomar posse deste campo que nos pertence.

Espero que o Espírito Santo o (a) dirija não só na leitura deste livro, mas também nas suas orações, para que sua fé aumente e os milagres aconteçam em sua vida.

Amo você em Jesus.

Tânia Cristina

Notas:

- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em *itálico*, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em itálico].
- A versão evangélica aqui utilizada é a ‘Revista e Atualizada’ de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).

Índice

• O que pode acontecer quando se ora de acordo com a palavra de Deus?	
1. Recebe-se o perdão	10
2. Conhecemos mais de Deus	14
3. Conquistamos milagres	16
4. Temos revelação do que acontece no mundo espiritual	18
5. Demonstramos nossa alegria por uma vitória conquistada e engrandecemos o nome do nosso Deus	19
6. Proteção divina	21
7. Aprendemos a exercer a autoridade de Jesus na terra e a conhecer o poder da palavra	23
• Orientações de um especialista	
1. Como se deve orar	28
2. Jesus incita a orar e a prosperar	29
3. A oração dominical ('Pai-Nosso')	30
4. A oração sacerdotal de Jesus (o que Ele deseja para os Seus filhos)	33

O que pode acontecer quando se ora de acordo com a Palavra?

1



Recebe-se o Perdão

Vamos começar pelo exemplo de Moisés.

Moisés foi o homem que, como líder, teve uma das maiores responsabilidades que alguém poderia ter, pois diferentemente de Abraão, cujo propósito foi ser provado individualmente por Deus para dar o exemplo de fé e gerar a nação que posteriormente ocuparia a terra prometida, Moisés, por outro lado, teve que libertar uma nação escravizada de mais ou menos três milhões de pessoas e, além disso, fazê-la conhecer outro padrão espiritual que era a convivência santa com YHWH. Entretanto, como o exemplo vem do líder, ele foi o primeiro a passar pela disciplina do Todo-Poderoso para poder conhecer Seus segredos, ser ouvido e respondido nas suas petições, saber dialogar aberta e verdadeiramente com Ele e, aí sim, transmitir essa mensagem a Israel. Se acompanharmos a trajetória espiritual de Moisés, podemos ver que, inicialmente, sua carne prevalecia e a recusa em obedecer às ordens do Senhor o fazia argumentar de uma maneira imprópria, para não dizer infantil. Sua fé em Deus ainda não estava aperfeiçoada. Ele não orava, apenas discutia as ordens de Deus. Ao lermos os capítulos de *Êx 3 e 4*, por várias vezes Moisés tentou escapar da responsabilidade que lhe estava sendo dada: “Moisés escondeu o rosto porque temeu olhar para Deus” (*Êx 3: 6b*); “Quem sou eu para ir a Faraó e tirar do Egito os filhos de Israel?” (*Êx 3: 11*); “Mas eis que não crerão, nem acudirão à minha voz; pois dirão: O Senhor não te apareceu” (*Êx 4: 1*); “Então, disse Moisés ao Senhor: Ah! Senhor! Nunca fui eloquente, nem outrora, nem depois que falaste a teu servo; pois sou pesado de boca e pesado de língua” (*Êx 4: 10*); “Ele, porém, respondeu: Ah! Senhor! Envia aquele que hás de enviar, menos a mim” (*Êx. 4: 13*). A Bíblia fala que a ira do Senhor se acendeu contra ele e, gostando ou não, voltou ao seu sogro Jetro, pegou sua família e rumou para o Egito. Ao ser confrontado com o povo e acusado por ele por causa da carga dobrada imposta por Faraó, Moisés reclamou de novo com o Senhor: “Então, Moisés, tornando-se ao Senhor, disse: Ó, Senhor, por que afligiste este povo? Por que me enviaste? Pois, desde que me apresentei a Faraó, para falar-lhe em teu nome, ele tem maltratado este povo; e tu, de nenhuma sorte, livraste o teu povo” (*Êx 5: 22-23*); “Moisés, porém, respondeu ao Senhor, dizendo: Eis que os filhos de Israel não me têm ouvido; como, pois, me ouvirá Faraó? E não sei falar bem” (*Êx 6: 12*). Podemos dizer que Moisés ainda estava longe de ser um intercessor e que o tempo em que o Senhor feriu o Egito com as dez pragas foi um período para dar mais confiança ao Seu ungido e começar a fazê-lo crer Naquele que havia lhe dado a missão.

Quando chegamos ao capítulo *14* de *Êxodo*, antes das águas se abrirem, já podemos ver uma mudança no tom de voz e na postura de Moisés: “Moisés, porém, respondeu ao

povo: Não temais; aquietai-vos e vede o livramento do Senhor que, hoje, vos fará; porque os egípcios que hoje vedes, nunca mais os tornareis a ver. O Senhor pelejará por vós, e vós vos calareis” (*Êx 14: 13-14*). Talvez, o milagre que presenciou no Mar Vermelho tenha significado não apenas uma libertação para o povo escravo, mas para ele também, pois a partir daí passou a assumir sua posição com outros olhos. Não que ele tenha deixado de sentir na sua carne o peso da responsabilidade, pois havia dito ao Senhor que era pesado demais para ele levar aquele povo sem a ajuda de mais ninguém, mas, agora, podemos ver que, ao sentir que Deus não voltaria mais atrás na Sua escolha, passou a orar a Ele de outro modo; lembrou-se da Sua promessa aos patriarcas e mencionou as Suas qualidades como Deus amoroso, fiel, compassivo e justo. Em *Êx 32: 11-14* (*Dt 9: 25-29*), após o povo ter feito e adorado o bezerro de ouro, Moisés faz sua primeira intercessão verdadeira diante de YHWH: “Porém Moisés suplicou ao Senhor, seu Deus, e disse: por que se acende, Senhor, a tua ira contra o teu povo, que tiraste da terra do Egito com grande fortaleza e poderosa mão? Por que hão de dizer os egípcios: Com maus intentos os tirou, para matá-los nos montes e para consumi-los da face da terra? Torna-te do furor da tua ira e arrepende-te deste mal contra o teu povo. Lembra-te de Abraão, de Isaque e de Israel, teus servos, aos quais por ti mesmo tens jurado e lhes disseste: Multiplicarei a vossa descendência como as estrelas do céu, e toda esta terra de que tenho falado, dá-la-ei à vossa descendência, para que a possuam por herança eterna. Então, se arrependeu o Senhor do mal que dissera havia de fazer ao povo [‘Agora, pois, deixa-me, para que se acenda contra eles o meu furor, e eu os consuma; e de ti farei uma grande nação’ – *Êx 32: 10*]”.

Quem disse que Moisés não sabia falar? Quem disse que era pesado de língua? Além de mencionar as qualidades positivas de Deus e da Sua promessa feita aos patriarcas, usou as palavras corretas aplacando a ira divina contra todo um povo por causa do pecado de alguns. Ele mesmo desceu do monte e puniu aqueles que tinham afrontado a santidade do Senhor, mas sua intercessão poupou os que ainda Lhe eram fiéis. Por isso, se colocando no lugar do povo, voltou para o pico do Sinai e fez a segunda intercessão: “Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste. Então, disse o Senhor a Moisés: Riscarei do meu livro todo aquele que pecar contra mim. Vai, pois, agora, e conduze o povo para onde te disse; eis que o meu Anjo irá adiante de ti; porém, no dia da minha salvação, vingarei neles, o seu pecado. Feriu, pois, o Senhor ao povo, porque fizeram o bezerro que Arão fabricara” (*Êx 32: 32-35*). Em *Nm 12: 13-15*, quando Arão e Miriã se levantaram contra a liderança do irmão e Deus pôs lepra sobre Miriã, Moisés orou: “Ó Deus, rogo-te que a cures. Respondeu o Senhor a Moisés: Se seu pai lhe cuspira no rosto, não seria envergonhada por sete dias? Seja detida fora do arraial por sete dias; e o povo não partiu enquanto Miriã não foi recolhida”.

Para completar o nosso raciocínio, vamos para *Nm 14: 13-19*, quando os dez espias voltam de Canaã desanimando o povo e ameaçando matar Josué e Calebe: “Respondeu Moisés ao Senhor: Os egípcios não somente ouviram que, com a tua força, fizeste subir este povo do meio deles, mas também o disseram aos moradores desta terra; ouviram que tu, ó Senhor, estás no meio deste povo, que face a face, ó Senhor, lhes apareces, tua nuvem está sobre eles, e vais adiante deles numa coluna de nuvem, de dia, e, numa coluna de fogo, de noite. Se matares este povo como a um só homem, as gentes, pois, que, antes, ouviram a tua fama, dirão: Não podendo o Senhor fazer entrar este povo na terra que lhe prometeu com juramento, os matou no deserto. Agora, pois, rogo-te que a força do meu Senhor se engrandeça, como tens falado, dizendo: O Senhor é longânimo e grande em misericórdia, que perdoa a iniquidade e a transgressão, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e quarta

gerações. Perdoa, pois, a iniquidade deste povo, segundo a grandeza da tua misericórdia e como também tens perdoado a este povo desde a terra do Egito até aqui”. Em seguida a esta oração o Senhor diz: “Segundo a tua palavra, eu lhe perdoei” (*Nm 14: 20*), entretanto, deu a sentença da peregrinação pelo deserto por quarenta anos até que todos os tinham saído do Egito morressem; apenas seus filhos entrariam na Terra Prometida (*Nm 14: 20-38*). O próprio Deus deixa transparecer a Moisés Seu desagrado e até Sua impaciência com o povo rebelde que o afrontava constantemente: “Até quando sofrerei [*suportarei, NVI*] esta má congregação que murmura contra mim? Tenho ouvido as murmurações que os filhos de Israel proferem contra mim” (*Nm 14: 27*).

Com tudo o que lemos acima, podemos dizer que a oração feita de coração como fez Moisés pelo povo, traz o perdão de Deus sobre os pecados, entretanto, não impede que o Senhor cumpra Seu juízo e a Sua justiça, pois aquele pecado, mesmo perdoado, trouxe uma conseqüência ruim e ela precisa ser resolvida de alguma forma. O mesmo aconteceu com Davi, que foi perdoado no caso de Urias, mas teve a sentença de Deus como maldição sobre a sua descendência: “A espada não se apartará da tua casa” (*2 Sm 12: 10*). Depois da vinda de Jesus, sabemos que Ele levou sobre si as nossas dores, maldições, enfermidades, transgressões, pecados etc. e que, se nos arrependermos realmente, Seu perdão nos cobre e a mancha que nosso pecado deixou sobre nós passa a não mais existir. Porém, as conseqüências que ele deixou na nossa vida e na daqueles que nos cercam não desaparece instantaneamente; aí o Senhor começa a fazer um trabalho de transformação e santificação conosco, que não deixa de ser a Sua justiça e o Seu juízo, até que toda a maldição seja quebrada. Em outras palavras, nossa atitude precisa ser mudada para que tudo fique realmente limpo, por isso ele fez o povo perecer no deserto até que a herança de impiedade e rebeldia deixada pelos pais nos filhos fosse quebrada e eles pudessem ver a si mesmos com outros olhos, recebendo a ousadia e a autoridade para entrar na Terra Prometida sem as máculas do passado.

Moisés argumentou com Deus engrandecendo Seu nome, reconhecendo Seu poder, lembrando-o da promessa feita aos patriarcas, usando seu sentimento humano, sua compaixão pelos irmãos, até que o Senhor pudesse perdoar os pecadores e lhes dar uma nova chance. Embora pareça ter ‘usado de psicologia’ com o Senhor, ele não estava fazendo chantagem nem mascarando a impiedade, pois ele mesmo teve atitudes drásticas para puni-la no meio da congregação; apenas livrou os justos de uma punição precipitada devido à grande ira de Deus pelos pecados do Seu povo. Também sua oração, embora trazendo o perdão sobre o pecado, não impediu que a vontade soberana de Deus fosse feita. Ela sempre será exercida. Hoje, quando oramos por um irmão, pedindo a intervenção de Deus, podemos sentir Seu Espírito tocando aquela alma, quebrando as cadeias do diabo e da carne que a estão fazendo sofrer, perdoando algum pecado que possa haver; porém, o Senhor não vai tirar aquele filho prontamente da prova até que todo o Seu propósito seja cumprido em sua vida, pois além de lhe ensinar o caminho correto através daquela prova, Ele o forja para algo grande com o intuito final de exaltá-lo diante de tudo o que o fez pecar e sofrer.

Portanto, a primeira lição que podemos tirar com a experiência de Moisés é que **a oração traz o perdão de Deus**, quebrando os grilhões. **A chave é conhecer Seu coração e orar em conformidade com a Sua Palavra e com a Sua promessa.** Palavras negativas e contrárias à Sua vontade, originadas na carne, não trarão o resultado desejado nem moverão Seu coração. Formalidade, religiosidade e falsidade tampouco nos trarão a vitória. “O que desvia os ouvidos de ouvir a lei, até sua oração será abominável” (*Pv 28: 9*).

Através do Seu perdão, a Sua justiça vai ser feita de maneira imparcial, de forma alguma mascarando as faltas nem inocentando abertamente o culpado sem que ele saiba que é preciso se corrigir.

2



Conhecemos mais de Deus

Aproveitando ainda a experiência de Moisés, leiamos *Êx 33: 15-23*: “Então lhe disse Moisés: Se a tua presença não vai comigo, não nos faças subir deste lugar. Pois como se há de saber que achamos graça aos teus olhos, eu e o teu povo? Não é, porventura, em andares conosco, de maneira que somos separados, eu e o teu povo, de todos os povos da terra? Disse o Senhor a Moisés: Farei também isso que disseste; porque achaste graça aos meus olhos, e eu te conheço pelo teu nome. Então, ele disse: Rogo-te que me mostres a tua glória. Respondeu-lhe: Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do Senhor; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer (repetida em *Rm 9: 15*). E acrescentou: Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá. Disse mais o Senhor: Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha. Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá”.

A palavra bíblica para *glória do Senhor* é *kābhôdh* (hebr.) ou *doxa* (Septuaginta, a versão grega do AT) = *peso ou dignidade*, e que pode ser entendida como a *manifestação do poder de Deus onde é preciso, vitória, proteção, abundância, riqueza, dignidade, reputação*. É o equivalente judaico do Espírito Santo.

Com esta experiência de oração de Moisés, após tudo o que tinha passado com a rebelião e os pecados do povo, nós podemos aprender que a oração também precisa ter certa ousadia da nossa parte, intimamente ligada à fé, para que possamos conhecer mais do poder de Deus. Moisés ousou pedir ao Senhor para ver a Sua glória, pois precisava disso para continuar sua jornada. Ele nos coloca, muitas vezes, em situações aparentemente sem solução para que, através da nossa oração de fé e ousadia, possamos ver o que Ele é capaz de fazer. De certa forma, nós estamos superando nossos próprios limites humanos que tentam restringir a ação de Deus pela incredulidade dando brecha para Satanás agir e colocar empecilhos aos nossos sonhos. Por isso, ao ler a bíblia, a nossa mente vai se enchendo com a visão de milagres e do poder sobrenatural de Deus, que nos dá força para superar o comportamento mundano carnal, egoísta e que só vê impossibilidade em tudo.

Outra pessoa usada por Deus como intercessor e que fez manifestar Sua glória foi Salomão ao consagrar o templo (*2 Cr 6: 14-42; 2 Cr 7: 1-3*). Em *2 Cr 7: 1-3* está escrito: “Tendo Salomão acabado de orar, desceu fogo do céu e consumiu o holocausto e os sacrifícios; e a glória do Senhor encheu a casa. Os sacerdotes não podiam entrar na Casa do Senhor, porque a glória do Senhor tinha enchido a Casa do Senhor. Todos os filhos de Israel, vendo descer o fogo e a glória do Senhor sobre a casa, se encurvaram com o rosto em terra sobre o pavimento, e adoraram, e louvaram o Senhor, porque é

bom, porque a sua misericórdia dura para sempre”. Salomão trouxe a presença de Deus para aquele lugar porque o seu coração estava alegre com o que tinha conquistado e porque o que fizera foi por amor ao Senhor e ao seu pai Davi, que lhe ensinou como se chegar ao Seu coração. A bíblia diz que louvaram, cantaram e Salomão confessou seus pecados e os do povo diante do altar, portanto, estavam limpos e prontos para a manifestação da *glória* de Deus.

Ao orar como Moisés orou pedindo para ver a glória de Deus, ou como Salomão, com integridade de coração, estamos repetindo o que aconteceu com Jesus no monte da transfiguração, onde Suas vestes resplandeceram de brancura e Seu corpo glorificado foi visto pelos discípulos, ou seja, nossas vestes espirituais se iluminam com a luz do Espírito dentro de nós. Por isso, a oração inicia, na verdade, com uma conversa sincera com Deus, de amigo para amigo, onde o coração se abre e, então, começa a cura da nossa alma. Quando Seu Espírito entra em nós, os medos vão embora, as barreiras são quebradas, o trono de Deus se descortina diante da nossa visão e passamos a conhecer as vontades do Seu coração. A oração deixa de ser um ato mecânico e repetitivo como uma reza e passa a ser uma entrega, onde não é mais a nossa boca que fala, mas a do Espírito, pois Ele sonda e conhece os corações; assim, o que é dito é uma expressão do que se passa no nosso interior ou no interior daqueles por quem estamos intercedendo, devido à revelação divina.

Portanto, a segunda lição que podemos tirar com a experiência de Moisés e Salomão é que ***a oração traz a glória de Deus para nossas vidas. A chave é a ousadia, a sinceridade e a alegria de coração por estarmos em Sua presença.***

3



Conquistamos milagres

Aqui nós vamos aproveitar as experiências de Josué, Pedro, Elias e Eliseu, pois através das suas orações grandes milagres aconteceram, não só em relação às forças da natureza, quanto à ressurreição de mortos.

Começemos por Josué quando lutou contra os amorreus. Em *Js 10: 12-14* está escrito: “Então, Josué falou ao Senhor, no dia em que o Senhor entregou os amorreus nas mãos dos filhos de Israel; e disse na presença dos israelitas: Sol, detém-te em Gibeão, e tu, lua, no vale de Aijalom. E o sol se deteve, e a lua parou até que o povo se vingou de seus inimigos. Não está isto escrito no livro dos justos? [NVI: livro de Jasar]* O sol, pois, se deteve no meio do céu e não apressou a pôr-se, quase um dia inteiro. Não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, tendo o Senhor, assim, atendido à voz de um homem; porque o Senhor pelejava por Israel. Voltou Josué, e todo o Israel com ele, ao arraial, a Gilgal”. (*) O livro de Jasar é citado duas vezes na literatura do Antigo Testamento, em *Js 10: 13* e em *2 Sm 1: 18*. A expressão ‘livro de Jasar’, traduz duas palavras em hebraico: ‘livro dos justos’ ou ‘livro do Justo’. Aparentemente foi um hinário hebreu antigo contendo canções nacionalistas. A tradução siríaca o chama de o ‘livro de louvores’ ou ‘livro de hinos’. As referências nos livros de Josué e 2 Samuel poderiam sugerir que esta coleção de canções foram composições concebidas para celebrar grandes batalhas e notáveis personagens da história ilustrativa de Israel, como nação preparada para a vinda do Messias.

Em relação a Pedro, estamos falando sobre a oração que fez ao Senhor antes de ressuscitar Dorcas (*At 9: 40*): “Mas Pedro, tendo feito sair a todos, pondo-se de joelhos, orou; e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te! Ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, sentou-se”.

Quanto a Elias, orou a Deus antes de ressuscitar o filho da viúva de Sarepta (*1 Rs 17: 19-23*): “Ele lhe disse: Dá-me o teu filho; tomou-o dos braços dela, e o levou para cima, ao quarto, onde ele mesmo se hospedava, e o deitou em sua cama; então, clamou ao Senhor e disse: Ó Senhor, meu Deus, também até a esta viúva, com quem me hospedo, afligiste, matando-lhe o filho? E, estendendo-se três vezes sobre o menino, clamou ao Senhor e disse: Ó Senhor, meu Deus, rogo-te que faças a alma deste menino tornar a entrar nele. O Senhor atendeu à voz de Elias; e a alma do menino tornou a entrar nele, e reviveu. Elias tomou o menino, e o trouxe do quarto à casa, e o deu à sua mãe, e lhe disse: Vê, teu filho vive”.

Com Eliseu aconteceu coisa semelhante ao ressuscitar o filho da sunamita (*2 Rs 4: 32-36*): “Tendo o profeta chegado à casa, eis que o menino estava morto sobre a cama. Então, entrou, fechou a porta sobre eles ambos e orou ao Senhor. Subiu à cama, deitou-se sobre o menino e, pondo a sua boca sobre a boca dele, os seus olhos sobre os olhos dele e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu. Então, se levantou, e andou no quarto uma vez de lá para cá, e tornou a subir, e

se estendeu sobre o menino; este espirrou sete vezes e abriu os olhos. Então, chamou a Geazi e disse: Chama a sunamita. Ele a chamou, e, apresentando-se ela ao profeta, este lhe disse: Toma o teu filho”.

Milagres [deixando de lado as explicações teológicas: ‘Feito ou ocorrência extraordinária que não se explica pelas leis da natureza’] não só se referem às ressurreições que foram mencionadas, nem aos prodígios no céu com aconteceu com Josué e com o próprio Elias pedindo para descer fogo do céu, a fim de consumir os capitães enviados pelo rei Acázias (2 Rs 1: 9-16). Muitas vezes, nossos milagres se referem à cura de uma doença que pode até nem ser grave, mas por falta de dinheiro não temos condições de ter um atendimento médico. Pode se referir a uma quantia inesperada de dinheiro que precisamos para saldar uma dívida ou mesmo para comprar comida ou ainda o livramento de uma multa por algo que não tivemos culpa. Podem também se referir aos grandes milagres da salvação de vidas quando conseguimos falar de Jesus a elas e trazê-las para o reino de Deus. Pode ser a reconciliação afetiva com quem não gostava de nós ou que quebrou a amizade por ação externa, independente da nossa vontade. Pode ser a restituição de coisas preciosas que perdemos, principalmente na área espiritual, esfriando o fogo do primeiro amor ou tentando roubar, matar e destruir os sonhos de Deus para nós. Por isso, a forma simples, reverente e até infantil de se achegar ao trono de Deus nos traz os benefícios que precisamos e manifesta os milagres do Senhor diante de todos. O que, muitas vezes, bloqueia nossos milagres não são orações fracas, sem unção, ou a falta delas, mas a desobediência de outros irmãos à voz de Deus para orar junto conosco ou para ter uma atitude prática que possa liberar o nosso caminho. O egoísmo da carne, o comodismo, a falta de intimidade com o Espírito Santo, a inveja, as maldições de sentença e a falta de amor são os maiores empecilhos às bênçãos liberadas por Deus, pois não adianta colocar a culpa apenas nos demônios que agem nas ‘regiões celestiais’ impedindo nossa vitória de chegar, mas entendermos que nas chamadas ‘regiões celestiais’ também está a nossa alma, onde a bondade ou a maldade podem liberar ou dificultar a vida de inúmeras pessoas. Por isso, é hipocrisia orar sem vontade, sem amor pelo irmão ou sem poder se alegrar com as suas vitórias. Às vezes, nossa resposta depende da disposição de alguém em obedecer à voz de Deus. Ele libera, mas o próprio ser humano retém (pelo menos por algum tempo, até que Ele mostre Seu poder). *Sensu lato [latim: “em sentido amplo”], milagre é tudo o que para nós parece impossível.*

Nosso terceiro aprendizado é que **a oração traz os milagres do Senhor**. A grande **chave** para a oração produzir milagres é o amor verdadeiro que gera a compaixão pelo outro. *Depois do amor: a fé e a entrega à vontade de Deus.*

4



Temos revelação do que acontece no mundo espiritual

O maior exemplo bíblico disso está na ação de Eliseu na guerra contra os siros (2 Rs 6: 8-30). O rei da Síria não sabia por que todas as suas investidas contra Israel davam em nada. Chegou a perguntar para os seus oficiais se havia um espião entre eles. Entretanto, quando soube que Israel ficava sabendo dos seus planos antes de se concretizarem, através do profeta Eliseu, ele quis conhecê-lo. Sabendo que o profeta se encontrava em Dotã, rumou para lá com carros e cavalos, o que assustou seu moço. Então o profeta lhe disse: “Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles. Orou Eliseu e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. O Senhor abriu os olhos do moço e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu” (2 Rs 6: 16-17). Depois orou para que Deus ferisse os inimigos de cegueira até levá-los diretamente ao rei de Israel, que lhes ofereceu um banquete e os despediu para suas casas.

Em Mt 5: 8 quando Jesus fala sobre as bem-aventuranças, Ele diz: “Bem-aventurados os limpos de coração porque verão a Deus”. Quando o nosso coração está limpo das obras da carne e dos objetivos malignos do diabo, oramos e o Senhor nos inunda com Seus dons espirituais, dentre eles as visões e a palavra de conhecimento que nos revela o que Ele está fazendo naquele momento no mundo espiritual a nosso favor. Ele nos mostra as visões da Sua glória, das Suas promessas, como revela também as armadilhas do diabo que estão prendendo nossa vida. Isso provém do Espírito e é pelo nosso espírito que o percebemos, não pela alma; é um dom que só nos é dado conforme a Sua vontade soberana e deve estar totalmente debaixo do domínio do Espírito Santo para interpretarmos corretamente as coisas que Ele quer nos passar, bem como ter uma oração mais direcionada sobre o assunto.

Se lermos a história de todos os profetas de Deus, podemos ver que todos eles tiveram, de alguma forma, uma revelação particular que os direcionou a exercer seu ministério e fortaleceu sua própria fé no Senhor. Muitos viram o trono de Deus, principalmente o apóstolo João, quando teve as visões do Apocalipse. Em Am 3: 7 está escrito: “Certamente, o Senhor Deus não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas”.

Portanto, o quarto aprendizado com a oração é que ***Deus nos revela Seus segredos através de visões e impressões vindas do Seu Espírito para nós***. A chave é ter o coração limpo, principalmente da inveja, do ódio e da violência, que é o que mais afeta a vida das pessoas hoje em dia.

5



*Demonstramos nossa alegria por uma vitória conquistada
e engrandecemos o nome do nosso Deus*

Ana, mulher de Elcana e mãe de Samuel, fez um cântico quando recebeu de Deus a graça de ser mãe e de poder consagrar seu filho como nazireu ao Senhor. No dia em que o deixou na Casa de Deus com o sacerdote Eli, ela disse (*1 Sm 2: 1-11*):

“Então, orou Ana e disse: O meu coração se regozija no Senhor, a minha força está exaltada no Senhor; a minha boca se ri dos meus inimigos, porquanto me alegro na tua salvação.

Não há santo como o Senhor; porque não há outro além de ti; e Rocha não há, nenhuma, como o nosso Deus.

Não multipliqueis palavras de orgulho, nem saiam coisas arrogantes da vossa boca; porque o Senhor é o Deus da sabedoria e pesa todos os feitos na balança.

O arco dos fortes é quebrado, porém os débeis, cingidos de força.

Os que antes eram fartos hoje se alugam por pão, mas os que andavam famintos não sofrem mais fome; até a estéril tem sete filhos, e a que tinha muitos filhos perde o vigor.

O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir.

O Senhor empobrece e enriquece; abaixa e também exalta.

Levanta o pobre do pó e, desde o monturo, exalta o necessitado, para o fazer assentar entre os príncipes, para o fazer herdar o trono de glória; porque do Senhor são as colunas da terra, e assentou sobre elas o mundo.

Ele guarda os pés dos seus santos; porém os perversos emudecem nas trevas da morte; porque o homem não prevalece pela força.

Os que contendem com o Senhor são quebrantados; dos céus troveja contra eles. O Senhor julga as extremidades da terra, dá força ao seu rei e exalta o poder do seu unguido”.

É interessante ressaltar que no Antigo Testamento as pessoas oravam expondo claramente o que sentiam, por isso, algumas vezes, elas parecem estar amaldiçoando seus inimigos (leia alguns salmos e poderá perceber isso). O mesmo ocorreu com Débora (*Jz 5: 1-31*), Davi (*2 Sm 22: 1-51*), Maria, mãe de Jesus (*Lc 1: 46-56*) e Zacarias, pai de João Batista (*Lc 1: 67-79*) que, através de cânticos, descreveram os feitos do Senhor, se alegraram com a derrota dos inimigos, profetizaram sobre outras vidas e deixaram, mais claro do que tudo, que o Senhor é o único Deus.

Existe um louvor de uma serva de Deus que diz: “Há momentos em que o louvor é a melhor das orações” e isso é verdade, pois muitas vezes nós podemos orar louvando o nome do Senhor, ao mesmo tempo em que Lhe expomos as nossas dificuldades, profetizamos nossa vitória e recebemos Seu consolo. Gostaria de transcrever um louvor que o Espírito me deu após a cura de uma cegueira do meu olho direito, inexplicável para os médicos, e que durou nove meses. Ele diz:

Refrão:

*Bem-aventurados os meus olhos porque vêem o Senhor
Bem-aventurados os meus ouvidos porque ouvem Sua voz*

*Ele é quem me guia pelas estradas da vida
E pela Sua fé me faz caminhar
Ele é o meu Deus que guarda e protege
E não me deixa nunca vacilar*

(Refrão)

*Ele traz luz aos meus olhos agora
E faz dos meus olhos, olhos bons
Todo o meu corpo fica luminoso
Esse meu Deus é maravilhoso!*

(Refrão)

*Todo olho de inveja
Se afastará,
Pois é o Seu sangue
Que vem me guardar
(Repetir duas vezes)*

(Refrão)

*É o Seu amor e a Sua justiça
Que a minha vida vêm cobrir
É a Sua fé que me fortalece
E me faz tesouros descobrir*

(Refrão)

(Inspirado em Mt 13: 16)

Portanto, nosso quinto aprendizado com a *oração* é que ela *é uma forma de demonstrar nossa alegria por uma vitória conquistada e engrandecer o nome do nosso Deus, além de ser uma maneira de guerrear pelo que nos pertence. A chave para isso é não ter medo de expor os nossos sentimentos mais íntimos diante de Deus, sejam bons ou maus, porque ao vermos por nós mesmos nossas fraquezas e pecados, o Senhor nos lava com Suas águas purificadoras e nos faz justiça, trazendo à nossa vida aquilo que é puro, santo e limpo aos Seus olhos.*

6



Proteção divina

Neste capítulo eu vou falar sobre a proteção que nós recebemos do Senhor quando oramos. Jesus, quando nos ensinou a Oração Dominical, não nos ensinou a pedir ao Pai que nos livrasse e guardasse do mal?

Vamos pegar um exemplo do Antigo Testamento que foi Ezequias, rei de Judá. Quando o território do sul foi invadido por Senaqueribe, rei da Assíria, e as afrontas através dos emissários do inimigo chegaram aos ouvidos do ungido de Deus, ele subiu à Casa do Senhor e orou:

“Tendo Ezequias recebido a carta das mãos dos mensageiros, leu-a; então, subiu à Casa do Senhor, estendeu-a perante o Senhor e orou perante o Senhor, dizendo: Ó Senhor, Deus de Israel, que estás entronizado acima dos querubins, tu somente és o Deus de todos os reinos da terra; tu fizeste o céu e a terra. Inclina, ó Senhor, o ouvido e ouve; abre, Senhor, os olhos e vê; ouve todas as palavras de Senaqueribe, as quais ele enviou para afrontar o Deus vivo. Verdade é, Senhor, que os reis da Assíria assolaram todas as nações e suas terras e lançaram no fogo os deuses deles, porque deuses não eram, senão obra de mãos de homens, madeira e pedra; por isso, os destruíram. Agora, pois, ó Senhor, nosso Deus, livra-nos das suas mãos, para que todos os reinos da terra saibam que só tu és o Senhor Deus” (2 Rs 19: 14-19).

Ao procurar o profeta Isaías, o rei teve consolo e o Senhor lhe falou através daquele: “Pelo que assim diz o Senhor acerca do rei da Assíria: Não entrará nesta cidade, nem lançará nela flecha alguma, não virá perante ela com escudo, nem há de levantar tranqueiras contra ela. Pelo caminho por onde vier, por esse voltará; mas, nesta cidade não entrará, diz o Senhor. Porque eu defenderei esta cidade, para a livrar, por amor de mim e por amor de meu servo Davi” (2 Rs 19: 32-34). Em seguida, a bíblia diz que: “Então, naquela mesma noite, saiu o Anjo do Senhor e feriu no arraial dos assírios, cento e oitenta e cinco mil; e, quando se levantaram os restantes pela manhã, eis que todos estes eram cadáveres. Retirou-se, pois, Senaqueribe, rei da Assíria, e se foi; voltou e ficou em Nínive. Sucedeu que, estando ele a adorar na casa de Nisroque, seu deus, Adrameleque e Sarezzer, seus filhos, o feriram à espada; e fugiram para a terra de Ararate; e Esar-Hadom, seu filho, reinou em seu lugar” (2 Rs 19: 35-37).

Outra passagem que podemos pegar como exemplo da proteção de Deus sobre Seus filhos é o Sl 124 (afora muitos outros), cujo título é: *Deus, nosso protetor e libertador*, e onde Davi diz: “Não fosse o Senhor, que esteve ao nosso lado, Israel que o diga; não fosse o Senhor, que esteve ao nosso lado, quando os homens se levantaram contra nós, e nos teriam engolido vivos, quando a sua ira se acendeu contra nós; as águas nos teriam submergido, e sobre a nossa alma teria passado a torrente; águas impetuosas teriam passado sobre a nossa alma. Bendito o Senhor, que não nos deu por presa aos dentes deles. Salvou-se a nossa alma, como um pássaro do laço dos passarinhos; quebrou-se

o laço, e nós nos vimos livres. O nosso socorro está em o nome do Senhor, criador do céu e da terra”.

O que podemos perceber com esses textos é que *a oração nos protege* através do amor de Deus que é derramado pelo Espírito Santo sobre nossa vida e pelo sangue do Seu Filho que nos cobre, nos dando vitória em todas as situações. *A chave é crer na fidelidade de Deus.*

Se todos nós soubéssemos deste grande benefício, não seriam necessárias as preocupações que temos uns com os outros por causa das circunstâncias em que vivemos no mundo. Os pais devem ser os primeiros a proteger seus filhos desde pequeninos, através da oração, abençoando-os e consagrando-os ao Senhor, pois assim Ele mesmo se responsabilizará pela sua proteção. Isso não nos isenta da prudência, mas nos faz conscientes de que a Sua Palavra é fiel. Da mesma forma como foi fiel no passado, ela sempre o será. Quanto a nós, pessoalmente, também devemos pedir ao Senhor que nos livre de todo o mal, como nos ensinou Jesus, igualmente cuidando da cura da nossa alma e nos mantendo em santidade e no centro da Sua vontade para nos sentirmos seguros e não darmos brecha para o adversário.

Com todos os nossos semelhantes a estratégia deve ser a mesma. Não custa nada dizer: *“Deus o (a) abençoe e guarde”* ou *“Que Deus esteja com você”* ou: *“Vá com Deus.”*

7



*Aprendemos a exercer a autoridade de Jesus na terra
e a conhecer o poder da palavra*

Aqui eu vou falar sobre uma faceta muito importante na oração que é a palavra que sai da nossa boca, seja ela proveniente da carne ou do Espírito de Deus. Em outros livros já mencionei sobre isso, enfatizando que o que sai da nossa boca molda o mundo espiritual, seja na forma de murmurações constantes, hábitos de linguagem, maldição de sentença sobre alguém e, logicamente, de uma oração. Em *Jó 15: 6* está escrito: “A tua própria boca te condena, e não eu; os teus lábios testificam contra ti”. Também em *Pv 18: 20-21* a bíblia diz: “Do fruto da boca o coração se fartará, do que produzem os lábios se satisfaz. A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto”. Jesus tornou a repetir esse ensinamento quando disse: “Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem... Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem”... (*Mt 15: 11; 18-19a*).

Assim, nossa oração deve estar em conformidade com a palavra de Deus para que o seu efeito possa ser benéfico para nós e para quem oramos. Mesmo que não estejamos amaldiçoando ninguém, uma simples palavra de derrota, dúvida ou incredulidade durante uma oração pode pôr tudo a perder, pois enquanto de um lado um irmão profetiza e suplica por vitória, do outro lado está alguém buscando que a vontade da carne prevaleça sobre a vontade de Deus.

Você entendeu o que uma palavra pode gerar dia após dia? Por isso, certos ‘murmuradores crônicos’ não saram nunca de doença alguma; e a dor só muda de lugar, deixando qualquer médico louco. Eles ficam o dia inteiro falando dela, reclamando dela, alimentando-a com tanto carinho porque acham que desta forma vão chamar a atenção de alguém; depois reclamam que a dor não passa nunca! Ninguém aqui está negando a dor ou a doença, mas questionando a aceitação dela como parte integrante do nosso ser e da nossa vida.

Paulo escreveu a Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade. Evita, igualmente, falatórios inúteis e profanos, pois os que deles usam passarão a impiedade ainda maior. Além disso, a linguagem deles corrói como câncer”... (*2 Tm 2: 15-17a*). *O segredo é manejar bem a palavra e conhecer o poder que nela existe.*

Quando se chega a este estado aprovado diante de Deus, ocorre o que aconteceu com os profetas, com os discípulos e, principalmente, com Jesus: dispensa-se a oração e passa-se à ação, pois uma simples palavra é o suficiente, *exercendo a autoridade* que ela tem para destruir as obras do diabo. Não quero dizer que não se precisa mais orar;

apenas que, quando se anda e vive no Espírito como aqueles grandes homens de Deus andavam e viviam, pois oravam constantemente (como dizia Paulo em *Ef 6: 18*: “... orando em todo o tempo no Espírito...”), na hora ‘H’ em que o tempo é curto e a obra de Deus precisa ser feita com presteza, uma simples palavra de vida que sai da boca de um justo com unção resolve o problema, sem muitas delongas.

Eu reservei este capítulo em especial para colocar as palavras de poder que saíram da boca de Jesus, sem que naquele momento Ele tivesse de orar ao Pai junto com a pessoa que estava sendo curada ou pelos milagres que precisava realizar; isso porque Ele passara a noite em comunhão com Deus, enchendo-se da Sua unção, a fim de que no dia seguinte pudesse simplesmente liberar a palavra de milagre, ensino e cura a todos os que precisassem dela; em outras palavras, pudesse exercer Sua autoridade sobre todo o mal.

1) A cura de um leproso (*Mt 8: 1-4; Mc 1: 40-44; Lc 5: 12-14*): “... Senhor, se quiseres, podes purificar-me... **Quero, fica limpo!** E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra” (*vs. 2 a-3*).

2) A cura do criado de um centurião (*Mt 8: 5-13; Lc 7: 1-10*): “Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta... Então disse Jesus ao centurião: **Vai-te e seja feito conforme a tua fé.** E, naquela mesma hora, o servo foi curado” (*vs. 10 b e 13*).

3) A cura de um paralítico em Cafarnaum (*Mt 9: 1-7; Mc 2: 1-12; Lc 5: 17-26*): “... **Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados... Levanta-te, toma o teu leito e anda**” (*vs. 2 b e 6 b*).

4) A cura de dois cegos (*Mt 9: 27-31*): “**Credes que eu posso fazer isso?** Responderam-lhe: Sim, Senhor! Então, lhes tocou os olhos, dizendo: **Faça-se-vos conforme a vossa fé**” (*vs. 28b-29*).

5) O homem da mão ressequida (*Mt 12: 9-14; Mc 3: 1-6; Lc 6: 6-11*): “Então disse ao homem: **Estende a mão.** Estendeu-a, e ela ficou sã como a outra” (*v. 13*).

6) A mulher cananéia (*Mt 15: 21-28 / Mc 7: 24-30*): “Então, lhe disse Jesus: **Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres.** E, desde aquele momento, sua filha ficou sã” (*v. 28*); [... **Por causa desta palavra, podes ir; o demônio já saiu de tua filha.** Voltando ela para casa, achou a menina sobre a cama, pois o demônio a deixara (*Mc 7: 29-30*)].

7) A cura de um jovem possesso (*Mt 17: 14-21; Mc 9: 14-29; Lc 9: 37-42*): “... Ó geração incrédula e perversa! Até quando vos sofrerei [*suportarei, na NVI*]? Trazei-me aqui o menino. E Jesus repreendeu o demônio, e este saiu do menino; e, desde aquela hora, ficou o menino curado. Então, os discípulos, aproximando-se de Jesus, perguntaram em particular: Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo? E ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível. [Mas esta casta não se expele senão por meio de jejum e oração]” (*vs. 21*).

Aqui vamos fazer uma parada para entendermos direito o que o Senhor queria nos passar com este ensinamento. Em *Mc 9: 14-29 (em especial vs. 22b-25)* o mesmo episódio tem uma fala do pai do menino: “... se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos. Ao que lhe respondeu Jesus: **Se podes! Tudo é possível ao que crê.** E imediatamente o pai do menino exclamou [com lágrimas]: Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé. Vendo Jesus que a multidão concorria, repreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: **Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele**”.

Muitas pessoas se confundem muito a respeito deste texto por não entenderem o que se passava por detrás da possessão do menino e o que o impedia verdadeiramente de ser curado. Em Marcos, pelo fato do texto estar mais detalhado, podemos ver que Jesus não o curou imediatamente, mas levou um tempo conversando com o pai, pois nele estava o impedimento à cura que era sua falta de fé. Por isso, ao chorar e dizer “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé”, ele recebeu a cura e liberou o filho para ser curado também. O jovem foi curado pela palavra de autoridade de Jesus repreendendo o espírito imundo, e a carne do pai seria curada através de jejum e oração, pois precisava se dobrar ao poder de Deus e se deixar encher pelo Espírito. Dessa forma, *demônio não se expelle com jejum nem com oração, mas em nome de Jesus*, o qual tem autoridade e está acima de todo o nome (“Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: *em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre os enfermos, eles ficarão curados*” – *Mc 16: 17-18*). *O jejum é para santificar a carne e colocá-la debaixo do domínio do Espírito Santo*, só assim a pessoa se fortalece espiritualmente; em outras palavras, o jejum é para quebrar as barreiras da carne (“Disseram-lhes eles: Os discípulos de João e bem assim os dos fariseus freqüentemente jejuam e fazem orações; os teus, entretanto, comem e bebem. Jesus, porém, lhes disse: Podeis fazer jejuar os convidados para o casamento, enquanto está com eles o noivo? Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; naqueles dias, sim, jejuarão” – *Lc 5: 33-35*). Em Isaías e Zacarias temos também um comentário interessante sobre o jejum que agrada e o que não agrada a Deus, nos mostrando que, na verdade, o objetivo do jejum não é para mortificar a carne nem para conquistar bênçãos, muito menos para cobrar algo de Deus, porém, para nos aproximarmos Dele: “Mesmo neste estado, ainda me procuram dia a dia, têm prazer em saber os meus caminhos; como povo que pratica a justiça e não deixa o direito do seu Deus, perguntam-me pelos direitos da justiça, têm prazer em se chegar a Deus, dizendo: Por que jejuamos nós, e tu não atentas para isso? Por que afligimos a nossa alma, e tu não o levas em conta? Eis que, no dia em que jejuais, cuidais dos vossos próprios interesses e exigis que se faça todo o vosso trabalho. Eis que jejuais para contendas e rixas e para ferirdes com punho iníquo; jejuando assim como hoje, não se fará ouvir a vossa voz no alto. Porventura, não é este o jejum que escolhi: que soltes as ligaduras da impiedade, desfaças as ataduras da servidão, deixes livres os oprimidos e despedaces todo jugo? Porventura, não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres desabrigados, e, se vires o nu, o cubras, e não te escondas do teu semelhante?” (*Is 58: 2-7*).

Onde estão a impiedade (= não crer nas coisas de Deus), a servidão ao diabo, a opressão e o jugo, a avareza, a indiferença, a falta de compaixão e solidariedade e o egoísmo? Não estão na carne dando brecha para Satanás agir? Por isso, ela precisa ser purificada de tudo isso através do jejum. Não deve ser feito como um ato religioso, mas espiritual.

Em *Zc 7: 3-5* Deus continua a dizer: “... perguntaram os sacerdotes, que estavam na Casa do Senhor dos Exércitos aos profetas: Continuaremos nós a chorar, com jejum, no quinto mês como temos feito por tantos anos? Então, a palavra do Senhor dos Exércitos me veio a mim, dizendo: Fala a todo o povo desta terra e aos sacerdotes: Quando jejuastes e pranteastes, no quinto e no sétimo mês, durante estes setenta anos, acaso foi para mim que jejuastes, com efeito, para mim?” Por isso, Jesus disse aos fariseus que Seus discípulos não precisavam jejuar como os outros enquanto Ele estivesse com eles pessoalmente porque a *Luz* do Espírito estava ali sobrepujando a carne, mas quando Ele se fosse, teriam que buscá-la por si mesmos através do Consolador que deixaria com eles. Nós falamos que **demônio se expulsa em nome de Jesus** e que **a carne se vence**

pelo jejum. Agora, dizemos que **o mundo**, ou seja, tudo o que tem a ver com o tempo, com as pessoas e com as coisas naturais da existência humana, **se vence pela fé**: “porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é o que vence o mundo, senão aquele que crê ser Jesus o Filho de Deus?” (1 Jo 5: 4-5).

8) Jesus acalma uma tempestade (Mc 4: 35-41; Mt 8: 23-27; Lc 8: 22-25): “... E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: **Acalma-te, emudece!** O vento se aquietou, e fez-se grande bonança. Então, lhes disse: Por que sois assim tão tímidos?! Como é que não tendes fé?” (v. 39-40).

9) A cura de uma mulher enferma (*fluxo de sangue*) – (Mc 5: 24b-34; Mt 9: 20-22; Lc 8: 43-48): “E ele lhe disse: **Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal**” (v. 34).

10) A ressurreição da filha de Jairo (Mc 5: 35-43): “Tomando-a pela mão, disse: **Talita cumi!**, que quer dizer: **Menina, eu te mando, levanta-te!**” (v. 41).

11) A primeira multiplicação de pães (Mc 6: 30-44): “Porém ele lhes respondeu: **Dai-lhes vós mesmos de comer...** Tomando ele os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou; e, partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos repartiu também os dois peixes” (vs. 37; 41).

12) A cura de um surdo e gago (Mc 7: 31-37): “Depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: **Efatá!**, que quer dizer: **Abre-te!** Abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente” (vs. 34-35).

13) A figueira sem fruto (Mc 11: 12-14; 20-26; Mt 21: 18-22): “... Então, lhe disse Jesus: **Nunca jamais coma alguém fruto de ti!** E seus discípulos ouviram isto... E, passando eles pela manhã, viram que a figueira secara desde a raiz. Então, Pedro, lembrando-se, falou: Mestre, eis que a figueira que amaldiçoaste secou. Ao que Jesus lhe disse: Tende fé em Deus; porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco”... (Mc 11: 14; 20-24).

14) A tentação de Jesus (Lc 4: 1-13; Mt 4: 1-11; Mc 1: 12-13): “... Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: **Não só de pão viverá o homem [mas de toda palavra que procede da boca de Deus (Mt 4: 4)]...** Mas Jesus lhe respondeu: Está escrito: **Ao Senhor, teu Deus, adorarás e só a ele darás culto...** Respondeu-lhe Jesus: Dito está: **Não tentarás o Senhor, teu Deus**” (Lc 4: 4; 8; 12). Assim, expulsou Satanás de Sua presença.

15) A cura de um endemoninhado em Cafarnaum (Lc 4: 31-37; Mc 1: 21-28): “Mas Jesus o repreendeu, dizendo: **Cala-te e sai deste homem.** O demônio, depois de o ter lançado por terra no meio de todos, saiu dele sem lhe fazer mal” (v. 35).

16) A pesca maravilhosa (Lc 5: 1-11): “... Faze-te ao largo, e **lançai as vossas redes para pescar...** Isto fazendo, apanharam grande quantidade de peixes; e rompiam-se-lhes as redes”... (vs. 4; 6).

17) A ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7: 11-17): “**Jovem, eu te mando: levanta-te.** Sentou-se o que estivera morto e passou a falar; e Jesus o restituiu a sua mãe” (v. 14-15).

18) A pecadora que ungiu os pés de Jesus (Lc 7: 36-50): “Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a que pouco se perdoa, pouco ama... **A tua fé te salvou; vai-te em paz**” (vs. 47; 50).

19) A cura de uma enferma (*mulher encurvada* – Lc 13: 10-17): “Vendo-a Jesus, chamou-a e disse-lhe: **Mulher, estás livre da tua enfermidade**”... (v. 12).

20) A ressurreição de Lázaro (*Jo 11: 1-46*): “Respondeu-lhe Jesus: **Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?** Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque e ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste. E, tendo dito isto, clamou em alta voz: **Lázaro, vem para fora!**” (*vs. 40-43*).

Portanto, nosso sexto aprendizado com a oração é que com ela ***aprendemos a exercer a autoridade de Jesus na terra e a conhecer o poder da palavra que sai da nossa boca.*** *A chave para isso é a fé em Deus e no que Ele nos diz.* Entretanto, a fé (que vem pelo ouvir a palavra de Deus, *Rm 10: 17*) para realizar esse tipo de milagre não vem rapidamente de um momento para o outro, e sim através de um crescimento contínuo com o Senhor, tendo experiências espirituais com Ele e aceitando as provas que Ele coloca em nosso caminho. A autoridade que Ele nos delega não nos atinge de maneira completa quando nos convertemos; ela é ganha e fortalecida ‘na guerra’, como a promoção de um soldado raso até chegar a general. Por isso, não desista, caminhe, persevere, creia, lute, conquiste e domine sobre os seus inimigos.

Orientações de um especialista

1



Como se deve orar

“E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando orardes, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais” (Mt 6: 5-8).

Jesus disse que o Pai sabe das nossas necessidades antes mesmo que coloquemos nossos joelhos no chão para orar. Também nos fala que orar não precisa ser um ato público e escandaloso, mas algo que necessita de reverência e concentração da nossa parte, pois não apenas o nosso espírito estará envolvido, assim como a nossa alma e o nosso corpo. Por isso, não adianta orar de qualquer jeito para terminar logo. A oração também não é um ato de guerra ou gritaria onde colocamos Satanás no foco, dando-lhe a glória, só falando dele. Nada disso é oração verdadeira. Em primeiro lugar, Jesus nos diz que é para entrarmos em nosso quarto e orarmos em secreto porque o Pai que vê em secreto nos recompensará; isto quer dizer: privacidade e reverência. Em outras palavras: entrar no nosso ‘quarto’ (na nossa alma e no nosso espírito) e ‘fechar a porta’, sem interferência externa e sem distrações, na profundidade do nosso ser, onde está o altar, e ali, onde tudo é conhecido por Deus, expor e falar a Ele o que desejamos, pensamos ou sentimos, não apenas por nós como também por nossos irmãos por quem estamos intercedendo. Isso é ‘entrar de verdade na brecha’, pois debaixo da revelação do Espírito Santo, podemos entender o que se passa no interior da alma e do espírito daqueles por quem oramos; por isso, muitas vezes o nosso espírito chora, porque ele sente as dores de Deus pelo nosso irmão. Essa é a oração que toca o Seu coração, onde as emoções estão envolvidas e onde é a boca do Espírito que ora, não a nossa. Outra coisa importante em matéria de oração, como já foi dito anteriormente, é o que dizemos enquanto a fazemos. Infelizmente, somos nós que atrapalhamos literalmente o progresso dos nossos irmãos e fazemos orações ‘contrárias’ e ‘amarradoras’ ao invés de ‘libertadoras’ pelas palavras mal empregadas e pela alma carregada com o peso da religiosidade e dos pensamentos carniais. ***A verdadeira oração é aquela que usa a própria palavra de Deus como uma espada de dois gumes*** para separar luz de trevas e libertar os enganados e cativos, a começar pela nossa própria vida.

2



Jesus incita a orar e a prosperar

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem? [... dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem – Lc 11: 13] Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7: 7-12).

Devemos pedir a Ele o que necessitamos, mas também buscar e bater, o que nos faz pensar numa escala de fatores: primeiro um pedido, depois a busca mais profunda pelas respostas de Deus e, em seguida, bater no Seu trono pelas soluções que necessitamos, sendo a principal delas, o conhecimento da Sua vontade e o entendimento da Sua maneira de pensar. Fazer aos outros o que quer que se faça a si é o cerne da Lei e dos ensinamentos dos profetas (*amar ao próximo como a ti mesmo = lei da prosperidade*). Quando pensamos no bem do próximo visando ao cumprimento da verdade e da justiça, recebemos a verdadeira prosperidade.

“Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados; dai, e dar-se-vos-á; boa medida, recalcada, sacudida, transbordante, generosamente vos darão; porque com a medida com que tiverdes medido vos medirão também” (Lc 6: 37-38).

“Então, lhes disse: Atentai no que ouvis. Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também, e ainda se vos acrescentará. Pois ao que tem [tesouros no céu – anotação minha] se lhe dará; e, ao que não tem [não tem tesouros no céu – anotação minha], até o que tem lhe será tirado” (Mc 4: 24-25).

Outra descoberta importante com a palavra acima (*Lc 6: 37-38*) e que está ligada à de *Mt 7: 7-12*, é que ela nos ensina não só a orar, mas também sobre a semente verdadeira na área material, emocional e espiritual. Quem tem autoridade para julgar é Deus; não adianta condenar alguém que Deus julgou como inocente, portanto, nesta área (*espiritual*), ao invés de julgar, a semente é orar. Na *área emocional*, as sementes que lançamos são o apoio emocional, a palavra de incentivo e o perdão. Reter o perdão mata nossa semente. Na *área financeira (material)*, o Senhor nos aconselha a dar o melhor que temos, porque quem vai fazer os cálculos é Ele mesmo e os Seus pesos serão justos. Ele completa em *Mc 4: 24-25* dizendo que, conforme a nossa maneira de nos comportarmos, tanto em oração como no tratamento com nossos semelhantes, teremos crédito ou débito no céu. Assim, ***a oração também traz prosperidade à nossa vida.***

3



A oração dominical ('Pai-Nosso')

“Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal [Alguns manuscritos posteriores trazem: ... pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]. Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (Mt 6: 9-15) [* Nota: a palavra ofensa não significa apenas transgressão, pecado, mas também insulto e afronta].*

A oração dominical é conhecida como *Pai Nosso*. A oração do *Pai Nosso*, assim como os *Dez Mandamentos*, pode ser dividida em duas partes, sendo que na primeira engrandecemos o nome do Senhor e, na segunda, expomos a Ele os nossos pedidos terrenos.

O Senhor nos ensina a dizer: *“Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino, faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”*. Isso quer dizer que devemos ter, antes de tudo, a consciência de que o *nosso verdadeiro Pai está no céu*, pois se trata do próprio Deus. E nosso Pai que está no céu é perfeito; Seu domínio é exercido pelo amor, colocando a misericórdia bem no centro do julgamento. *Mas também é Santo*, e devemos pedir que Ele santifique o próprio nome, ou seja, que Ele se revele a nós. Quem o busca com sinceridade recebe a Sua revelação e conhece a Sua santidade. Dessa forma, quanto mais chegarmos ao Seu altar em oração, mais conheceremos o Seu caráter, o que se manifesta através de uma experiência espiritual reveladora da palavra de Deus em nosso próprio espírito; podemos, então, perceber como somos imperfeitos e mudar radicalmente o nosso conceito de santidade. Para termos acesso ao Pai é necessário estarmos cobertos pelo sangue de seu Filho. *Sermos cobertos pelo sangue de Jesus significa deixar o poder da cruz nos tocar por inteiro*; não apenas no nosso espírito, por um ato de fé, mas de maneira profunda na nossa carne limpando a nossa alma de todo o tipo de deformação e distorção que traz dor e ferida, seja por pecado ou por outras ações espirituais externas, o que implica em ser tocado nas emoções e nos pensamentos, até no corpo, quebrando as prisões do diabo sobre nossa vida. Por isso, é tão importante orarmos diante da cruz, pois ali podemos fazer uma troca com Ele, deixando realmente que Ele leve as nossas dores sobre si e nos liberte derramando o Seu sangue purificador sobre tudo aquilo que nos amarra. Portanto, o ato de orar exige reverência, pois estamos realizando algo que tem implicações espirituais. A oração verdadeira é aquela que se processa com a nossa alma livre, despida, sem armaduras e prostrada diante da cruz ou do trono de Deus. Ali Ele

nos faz ver quem nós somos e nos revela quem Ele é. Podemos perceber, então, que a própria natureza deformada da nossa carne já é, por si só, uma contradição com a verdadeira santidade de Deus. Quando Ele nos diz: “Sede santos porque eu sou santo”, Ele se refere a nos comportarmos como Ele se comporta, ou seja, *transparência completa e sinceridade entre o que se prega e o que se vive*. A palavra ‘santo’ (*hagios*, gr.) significa: *sagrado, puro, sem culpa, consagrado, separado, digno de ser honrado, semelhante a Deus, ter a natureza mais íntima de Deus, ser separado e reservado para Deus e para o Seu serviço*. Que nós possamos, através das nossas atitudes, mostrar essa santidade de Deus aos outros. Outro comentário é sobre perfeição. Deus disse a Abraão: “Anda na minha presença e sê perfeito” (*Gn 17: 1*). Podemos pensar, portanto, que a *perfeição* para Deus é algo completamente diferente do que a nossa visão humana possa alcançar. É, na verdade, sermos completos Nele, sermos inteiros e verdadeiros porque Ele nos preenche e nos transforma espiritualmente à Sua imagem e semelhança. Não é a ausência de pecado, mas indica plenitude, maturidade, exercendo a lei do amor a Deus e aos homens.

A próxima frase é: “*Que venha o teu reino*” ou “*Venha a nós o teu reino*” (gr. *Basilea*), ou seja, *o teu domínio, o teu poder, a tua realeza e a tua autoridade sobre nós*. Isso significa estar disposto a desistir de tudo, a fim de ter Deus.

Em seguida, a oração diz: “*Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu*”; em outras palavras, a Sua vontade deve ser feita na terra assim como é feita no céu. E no céu há paz, plenitude, perfeição, alegria, ausência de dores, sofrimentos e lágrimas. No céu, onde o governo de Deus é alegre e incondicionalmente aceito por todos, Sua vontade é espontânea e alegremente obedecida por todos e em todas as ocasiões. Portanto, a vontade de Deus é boa para nós, é a melhor e está ao nosso alcance. Ele exige de nós o máximo que podemos dar, mas nada além disso. Não devemos ter receio de pedir que se faça a Sua vontade em nossas vidas, pois Ele fará o melhor. Da mesma forma que ela é obedecida no céu, deve ser obedecida na terra.

A segunda parte da oração do *Pai Nosso* nos ensina a pedir pelas nossas necessidades materiais (“*o pão nosso de cada dia, dá-nos hoje*”), além do que nos fala sobre o perdão como uma condição essencial, não apenas para o louvor verdadeiro a Deus, mas para o nosso suprimento na terra em todas as áreas (“*e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal, [pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém]*”). A palavra ‘pão’, neste caso, simboliza tudo quanto realmente precisamos para nossa existência terrena, para que possamos santificar o Seu nome e praticar a Sua vontade na terra como ela é praticada no céu. Precisamos do sustento material, dia a dia, a fim de podermos, inclusive, servir a Deus de maneira plena, pois uma pessoa mal alimentada e doente não tem forças sequer para orar. Portanto, o Senhor nos ensina a Lhe pedir que nos ajude nessa área, entregando também a Ele todas as nossas aflições e confiando que Ele vai cuidar do nosso suprimento; não dependemos de homens, mas Dele.

Depois de pedir por isso, Jesus nos lembra que devemos pedir ao Pai que perdoe as nossas *dívidas* (ou *pecados, transgressões; ofensas, em algumas traduções*), porque quando desobedecemos aos Seus mandamentos, nós o ferimos e o ofendemos pelo nosso pecado, o que gera uma dívida no mundo espiritual, que é a brecha aberta por onde Satanás pode nos tocar. Portanto, ao pedirmos a Ele que nos perdoe as ofensas, Seu sangue nos cobre e as nossas dívidas são pagas, fechando nossas brechas. Em *Mt 6: 12* (“*o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores*”), o vocábulo *dívidas*, em grego, *opheilemata* ou *opheiléma* (ὀφείλημα, Strong #g3783), é o vocábulo que designa nossos pecados

como aquelas coisas que nos tornam culpados e nos carregam de dívidas perante Deus e que jamais podemos saldar, senão o Seu Filho. *Opheiléma* significa: uma dívida, ofensa, pecado; algo devido, ou seja, (figurativamente) devido moralmente, uma falha. Como visto acima, dívida (ofensa, em algumas traduções) significa: pecado, transgressão, ofensa, insulto, afronta. E em *Jo 20: 23* ('Pecados', em nossas versões bíblicas), a palavra grega é *hamartias* (ἁμαρτία, Strong #g266), que tem o significado principal de "errar o alvo"; daí: (a) a culpa, pecado, (b) uma falha, a falha (em um sentido ético), ato pecaminoso; e, portanto, "agir incorretamente" e "quebrar a lei de Deus". Em *Mt 6: 14* ("Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará"), a palavra grega traduzida como *ofensa* é *paraptomata* ou *paraptóma* (*paraptōmata*, παραπτώματα ou *paraptóma* παράπτωμα Strong #g3900 = queda (cair longe), lapso, escorregão, passo em falso; portanto: queda, falha, ofensa, pecado, transgressão).

Uma coisa interessante é que Jesus faz uma ligação diretamente proporcional entre sermos perdoados por Deus e liberarmos o perdão também para aqueles que nos devem algo. "Assim como nós temos perdoado aos nossos devedores" ou "pois também nós perdoamos [verbo no presente do indicativo] a todo o que nos deve" não significa que devemos pedir perdão à base do perdão com que tivemos perdoado a outrem, ou seja, na mesma quantidade ou qualidade que conseguimos perdoar alguém. Só podemos receber perdão pela graça. Mas, a fim de podermos orar a Deus pedindo perdão, com sinceridade e sem qualquer hipocrisia, devemos estar livres de qualquer sentimento de ódio e vingança. Somente quando Deus nos tiver dado a graça para verdadeiramente perdoar nossos devedores é que estaremos preparados para fazer uma oração verdadeira. O perdão aqui não está ligado ao sentimento, mas à nossa vontade de obedecer ao mandamento do Senhor e usar a força da nossa palavra para abriremos os caminhos uns dos outros (já tendo nós mesmos sido perdoados por Ele); só assim Sua ação abençoadora será completa: "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas". Em *Jo 20: 23* Ele disse aos Seus discípulos: "Se de alguns perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; se lhos retiverdes, são retidos". Isso vem a complementar nosso raciocínio, pois se liberarmos o perdão, as vidas serão liberadas, mas se os retivermos, não só os outros deixarão de ter a chance de serem perdoados por Deus, como nós não teremos igualmente a liberação das nossas vidas.

Por fim, Jesus nos ensina a pedir a Deus que *não nos deixe cair em tentação e nos livre de todo o mal* que possa sobrevir à nossa vida, seja do mundo, das trevas ou da carne. Isso significa que aqueles que oram sinceramente pedindo perdão de pecados anseiam pela capacidade de não pecarem mais. O vocábulo grego *peirasmos*, traduzido como *tentação* significa: não nos permitir cair em situações onde ficaremos expostos à tentação do mal. A expressão "*livra-nos do mal*" (*rusai hEmas tou ponerou*) significa: *protege, escuda, guarda (rhyesthai) contra os assaltos do diabo (tou ponerou, ou seja, do maligno)*. A frase colocada entre colchetes [*pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém*] foi colocada mais tarde nos manuscritos, mas não foi dita por Jesus.

4



*A oração sacerdotal de Jesus
(o que Ele deseja para os Seus filhos)*

Nesta última parte do livro, vou fazer diferente das outras: explicar primeiro e escrever o texto bíblico depois, pois foi uma das orações mais lindas já escritas e modelo para toda a Igreja. Trata-se do desejo profundo do coração de Deus de ver Seus filhos tendo união entre si e, sobretudo, com Ele, da mesma forma que Jesus teve. É interessante perceber que Jesus orou aqui apenas pelos que eram Seus, não pelos do mundo, pois só os que são Seus poderão realizar essa missão que lhes foi deixada: praticar a união e o amor com Deus e com o próximo. É importante perceber que Ele pensou em nós também, não somente nos Seus discípulos, pois já sabia as dificuldades que enfrentaríamos por sermos Dele. Ele mencionou o amor do Pai por Ele antes da fundação do mundo e a glória que agora, com a Sua morte, lhe seria devolvida. Ele deixa bem claro que é a Sua palavra que nos santifica e é através da nossa oração que manteremos essa vida dentro do nosso ser, assim como a chama acesa da fé. Termina dizendo que é pela nossa união com Ele e com o Pai que seremos reconhecidos pelo mundo, e, pela nossa palavra, outros serão trazidos a Si. Nosso testemunho de vida é o que vai glorificar Seu nome entre as nações e tudo o que Ele nos der para fazer tem o objetivo de nos aperfeiçoar na unidade.

Espero que o Espírito Santo possa ter ministrado em sua vida e que a cada dia sua boca esteja consagrada a Ele, a fim de que a oração ungida que sair dela traga a manifestação da glória de Deus.

O texto diz:

“Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti, assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu te glorifiquei na terra consumando a obra que me confiaste para fazer; e, agora, glorifica-me, ó Pai, consigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo. Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra. Agora, eles reconhecem que todas as coisas que tens me dado provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste. É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus; ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado. Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós. Quando eu estava com eles, guardava-os e teu nome, que me deste, e protegi-os, e

nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos. Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade. Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste a mim. Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja” (Jo 17: 1-26).

“O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor sobre ti levante o rosto e te dê a paz” (Nm 6: 24-26).

